

Agosto de 2002

Ao autor

O Senhor tentou “uma desconstrução da Grande Biografia” do Sergio Camargo. O tom é ofensivo, os termos ultrapassam os limites de uma crítica objetiva.

Acompanhei de muito perto a obra de Sergio Camargo de 1950 até 1970 e quero trazer sucintamente certos pontos do percorrer desse artista durante esses anos.

A primeira etapa do Sergio Camargo foi de resistir as pressões do meio dele e enfrentar uma vida sem oportunidade alguma para expressar o que nele era ainda uma exigência confusa: assim ele entrou na Academia Altamira, em Buenos Aires com dezesseis anos.

A oportunidade lá era penetrar num meio onde o diálogo não era cotidiano e correspondia a uma afinidade indefinida. Mesmo se o “aprendizado era anacrônico”, se ainda não tinha nenhum projeto de obra pessoal, nenhuma participação assinada no grupo, não saiu “desorientado” mas confortado na intenção de ser artista.

Em 1949, em Paris, Sergio Camargo matriculou-se na Academia da Grande Chaumiére e teve Emmanuel AURICOSTE, como professor. Frequentou o atelier desse mestre durante alguns meses.

AURICOSTE, de forte personalidade, sensível e professor atento, apesar da linha pedagógica dele, incitou Sergio Camargo a sair do academismo e do modelo vivo e a aprofundar uma inclinação diferente que ele percebia no aluno.

Essas duas primeiras etapas antes dos vinte anos foram positivas no sentido que a oportunidade às vezes é deixar um caminho em vez de segui-lo. Aliás, definir oportunidade

costumam colocar em frente das casas montículos organizados de madeira cortada para uso nos fogões e nas lareiras.

Esses montículos fazem parte da paisagem rústica. São perfeitamente constituídos para durar, ordenados em séries com travessas e ocos, superposição de vários metros de altura, diâmetros visíveis dos cortes perfeitos. São essas estruturas espetaculares, essas obras de artes naturais que são a origem da escolha da madeira por Sergio Camargo. É escolha genuína que de nenhum jeito pode ser relacionada com uma influência qualquer. Foram meses de trabalho num atelier rústico onde ninguém penetrou.

É inaceitável qualquer alusão a outra origem. A manipulação de elementos de madeira data dessa época. A pintura em branco apareceu para fazer dessas superfícies de módulos “dés pièges à lumière”. Nessa busca do branco perfeito, capaz de captar luz e sombra, veio mais tarde a escolha do mármore sem defeito de Carrara. Lá podemos dizer que Sergio Camargo se realizou. Essa linha ficou a mesma até a morte.

Não tenho competência de historiador, nem sequer quis tentar uma argumentação ponto a ponto. Só quis que injustiça não possa prevalecer sem que um testemunho autêntico, de verificação fácil, possa aparecer.

M. L. Berthodin

M.L. Berthodin

(primeira esposa de Sergio Camargo)